

# Escola, produção de subjetividade e negritude: uma revisão de literatura

## School, Subjectivity Production, and Blackness: A Literature Review

Wheber Mendes dos Santos\*  
Acassia Anjos dos Santos Rosa (Dra.)\*\*



Imperatriz (MA), v. 7, e062407, jan./dez. 2025.  
ISSN 2675-0805

Recebido em: 27 de novembro de 2024  
Aprovado em: 09 de abril de 2025

### Resumo

Nas últimas décadas, a articulação entre educação e negritude tem ganhado relevância no Brasil, impulsionada por movimentos sociais, especialmente o movimento negro. Intelectuais como Sueli Carneiro, Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez e Nilma Lino Gomes ampliaram as discussões sobre o impacto do racismo na formação subjetiva de pessoas negras. A escola emerge como um espaço central de subjetivação, ao mesmo tempo em que mantém desigualdades raciais e oferece possibilidades de subversão. Este trabalho revisa pesquisas publicadas entre 2020 e 2024 na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, identificando quatro estudos que exploram a relação entre raça e educação na produção subjetiva de corpos negros. As pesquisas apontam a escola um dos principais locais de produção de subjetividade negra, estando muitas vezes, interligada ao racismo.

**Palavras-chave:** Subjetividade; Negritude; Escola.

\* Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED-UFS), vinculado a linha de Sociedade, Subjetividade e Pensamento Educacional. E-mail: whebeer@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1495-4641>

\*\* Professora Adjunta de Língua Espanhola (DLES/PPGED/UFS). Pesquisadora no grupo de pesquisa Diálogos Interculturais e Linguísticos, atuando principalmente nos seguintes temas: identidades, subjetividades, letramentos críticos, educação intercultural, decolonialidade, América-latina, formação de professores e materiais didáticos. E-mail: [acassiaanjos@academico.ufs.br](mailto:acassiaanjos@academico.ufs.br); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5858-6628>

## Abstract

In recent decades, the intersection between education and Blackness has gained prominence in Brazil, driven by social movements, particularly the Black movement. Intellectuals such as Sueli Carneiro, Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, and Nilma Lino Gomes have expanded discussions on the impact of racism on the subjective formation of Black individuals. The school emerges as a central space for subjectivation, simultaneously perpetuating racial inequalities and offering possibilities for subversion. This paper reviews research published between 2020 and 2024 in the Digital Library of Theses and Dissertations, identifying four studies that explore the relationship between race and education in the subjective production of Black bodies. Research indicates that schools are one of the main sites for the production of Black subjectivity, often intertwined with racism.

**Keywords:** Subjectivity; Blackness; School.

## Introdução

Nas últimas décadas, a articulação entre educação e negritude tem ganhado relevância crescente nos debates acadêmicos e nas políticas públicas no Brasil e em outros contextos globais. Tal crescimento se dá, entre outros fatores, a partir de constantes esforços dos movimentos sociais, entre eles os movimentos negros, que evidenciaram ativistas, artistas, educadores e pesquisadores negros. Entre as principais reivindicações está a necessidade urgente de repensar o papel das instituições de ensino na manutenção das desigualdades raciais, ao mesmo tempo em que reconhecem o potencial transformador da educação na promoção de justiça social e da superação do racismo.

O acesso à construção de uma educação antirracista é reflexo da luta dos movimentos negros que, ao longo do século XX e início do XXI, têm reivindicado o direito imediato de acesso do negro às instituições escolares, questionando como essa educação é oferecida e pensando ações educacionais que valorizem as histórias, culturas e saberes/conhecimento da população negra.

A implementação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, marca um ponto de virada nesse processo, sinalizando o reconhecimento institucional da urgência de enfrentar o racismo por meio do ambiente educacional. Porém, mesmo com esse avanço, existem constantes tensões que atrapalham a aplicação dessa lei, como proibições de literatura, violência física e psicológica e perseguições contra os educadores.

O impacto das produções intelectuais negras, como as de Sueli Carneiro, Abdias do Nascimento, Nilma Lino Gomes e Lélia Gonzalez tem sua parcela de contribuição no pensamento negro educacional brasileiro, uma vez que a partir desses intelectuais/ativistas insurgentes houve um alargamento das compreensões raciais brasileiras que embasam a luta negra por uma educação antirracista, explicitando a importância de reorientar os espaços educacionais pra um conhecimento não-eurocêntrico.

Esses autores desafiam a hegemonia eurocêntrica nas práticas pedagógicas e argumentam pela construção de uma educação brasileira que escancare a colonização, o racismo, o epistemicídio e o genocídio negro como acontecimentos que estruturam a própria construção da educação como uma forma de apagamento dos saberes/conhecimentos negros (Carneiro, 2023).

Entendemos o epistemicídio como a eliminação sistemática dos saberes/conhecimentos e das epistemologias negras. Salientamos que o processo colonial e o racismo não apenas violentaram fisicamente as populações africanas, mas também aniquilaram e desvalorizaram seus conhecimentos. As instituições coloniais e, posteriormente, o sistema educacional brasileiro, centralizaram o conhecimento eurocêntrico, apagando saberes africanos e afro-brasileiros.

Para esses intelectuais negros, a educação é uma tecnologia de manutenção das desigualdades raciais, mas um espaço a ser taticamente conquistado para o desmonte dessa estrutura colonial de mortificação do negro brasileiro. Nesse cenário, a escola é uma instituição relacionada ao que Carneiro (2023) chama de dispositivo de racialidade:

A racialidade é compreendida como noção produtora de um campo ontológico, um campo epistemológico e um campo de poder, conformando, portanto, saberes, poderes e modos de subjetivação cuja articulação institui um dispositivo de poder (Carneiro, 2023, p. 44).

A urgência, neste momento, é entender como a escola impacta a construção da subjetividade de pessoas negras, seja a partir da construção do espaço escolar, seja pelo currículo, pela presença de professores negros e pelas escolhas teórico-políticas de constituição da cultura escolar. Dessa maneira, propomos pensar os processos de produção de subjetividade de corpos negros na instituição escolar, ou seja, a partir dos processos de subjetivação<sup>1</sup> de sujeitos negros, isto é, os meios pelos quais estes são capturados por relações de forças implicadas no processo de produção de subjetividades (Foucault, 1997).

Diante do exposto, elaboramos o seguinte questionamento: *o que dizem as pesquisas em educação sobre como a escola atua na construção a subjetividade de corpos negros?* Apresentaremos, a seguir, a construção da metodologia desta revisão de literatura, detalhando de forma sistemática os processos de construção dessa pesquisa.

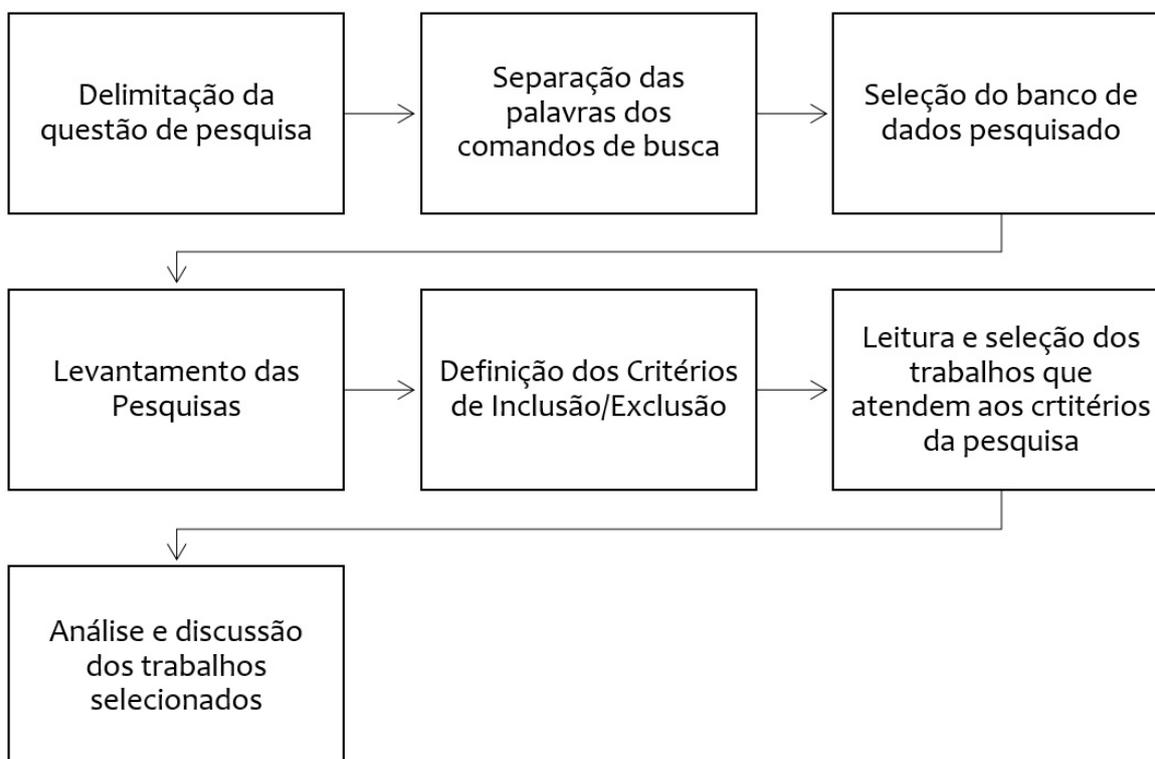
### **Separação das palavras de comando e seleção do banco de dados**

A Revisão de Literatura é a metodologia de pesquisa escolhida para mapear o estado do conhecimento acerca dos processos de subjetivação de negros na escola. Essa metodologia permite identificar os avanços teóricos, lacunas e debates

<sup>1</sup> O termo “processo de subjetivação” refere-se à produção de subjetividade dentro de contextos históricos, sociais e culturais específicos, moldadas por relações de poder, discursos e práticas institucionais. Esse processo é dinâmico e contínuo, envolvendo a internalização de normas, valores e saberes que configuram modos de ser no mundo.

atuais sobre este tema (Gil,2008). A partir disso, foi construído um processo na construção dessa revisão para organizar melhor os resultados desta pesquisa, tal como está representado abaixo na Figura 1:

**Figura 1-** Fluxograma do processo de construção da Revisão de Literatura



**Fonte:** Elaborado pelos autores

Tendo em vista a construção da questão anteriormente explicitada, “*o que dizem as pesquisas em educação sobre como a escola atua na construção a subjetividade de corpos negros?*”, foram selecionados os comandos de busca e os operadores booleanos para combinar ou excluir termos, construindo de forma eficiente os resultados da pesquisa.

**Quadro 1 -** Descritores utilizados na busca

Busca 1	(“Processos de Subjetivação” OR “Subjetividade” OR “Produção de Subjetividade) AND “Negr*” AND (Escola OR “Educação”)
Busca 2	(“Processos de Subjetivação” OR “Subjetividade” OR “Produção de Subjetividade) AND “Educação para as relações étnico-raciais”
Busca 3	(“Processos de Subjetivação” OR “Subjetividade” OR “Produção de Subjetividade) AND (“Racismo OR “Preconceito racial”) AND (Escola OR “Educação”)

**Fonte:** Elaborado pelos autores

A construção da primeira busca orienta-se com o objetivo de filtrar trabalhos que discutam como a subjetividade ou os processos de subjetivação estão relacionados à experiência de pessoas negras no contexto da educação ou da escola. ("*Processos de Subjetivação*" OR "*Subjetividade*" OR "*Produção de Subjetividade*"): esse comando busca qualquer um dos três termos relacionados à subjetividade. O operador OR amplia a busca, incluindo variações sobre o mesmo conceito. Em "*Negr\**", o asterisco "\*" é um curinga que permite buscar por todas as palavras que começam com o radical "negr-", como negro, negritude ou negros. (*Escola* OR "*Educação*") busca documentos que mencionem escola ou educação. O operador OR amplia o escopo para incluir ambos os termos.

Já a segunda busca se diferencia pela inclusão do termo "*Educação para as relações étnico-raciais*": expressão exata (entre aspas) que corresponde ao campo específico da educação voltada para a promoção de igualdade racial e para o combate ao racismo. Por fim, a construção da terceira busca com a inclusão do termo "*Racismo*" OR "*Preconceito racial*" utiliza o operador OR que amplia a busca para incluir publicações que tratem de racismo ou preconceito racial.

Posteriormente, escolhemos como banco de dados a ser pesquisado a Biblioteca de Teses e Dissertações (BDTD) por ser uma plataforma online, de acesso aberto e gratuito que armazena teses e dissertações produzidas no Brasil. Compreendemos que essa plataforma democratiza o acesso à produção científica de qualidade, preservando a memória científica do país.

### **Levantamento das pesquisas, critérios de exclusão/inclusão e seleção de trabalhos**

Para o levantamento das pesquisas, utilizamos os descritores mencionados, na plataforma de busca da BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações). Essas buscas foram orientadas pelo seguinte padrão de exclusão/inclusão.

Entre os critérios de inclusão, foram considerados trabalhos de teses e dissertações na área da Educação, produzido no intervalo temporal (2020-2024) que tratem da educação e produção de subjetividade em corpos negros, defendidas em universidades brasileiras. Além disso, foram selecionados trabalhos desenvolvidos no contexto escolar formal, abrangendo desde a educação infantil até o ensino superior, com foco em práticas pedagógicas, currículo e dinâmicas escolares. A inclusão abrange pesquisas empíricas ou revisões teóricas que discutam processos de subjetivação e negritude, fundamentadas por referenciais teóricos diversos. Foram considerados trabalhos defendidos nos últimos 5 anos.

Segundo os critérios de exclusão, foram descartados estudos que não sejam da área da Educação, que forem anteriores a 2020 ou não trataram especificamente da população negra no contexto escolar, ainda que abordem subjetividade em outras esferas. Também foram excluídos os trabalhos centrados em educação inclusiva que não discutiram diretamente questões raciais.

Pesquisas realizadas em espaços de educação não formal, como movimentos sociais ou espaços culturais, foram consideradas apenas se apresentaram relação direta com o contexto escolar. Estudos fora da realidade brasileira ou latino-americana foram excluídos, exceto quando ofereceram reflexões aplicáveis ao contexto do Brasil. Trabalhos publicados há mais de cinco anos foram excluídos, assim como aqueles que apresentam pouca fundamentação teórica ou limitações metodológicas significativas, como trabalhos estritamente teóricos.

Ao fim, chegamos ao seguinte resultado:

**Quadro 2** – Relação coleta/exclusão/inclusão

Busca	Quantidade de resultados	Quantidade de trabalhos excluídos	Quantidade de trabalhos incluídos
Busca 1	224	220	2
Busca 2	118	115	1
Busca 3	70	69	1

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Os critérios de busca utilizados nos ajudaram bastante em relação à filtragem de trabalhos sem relação alguma com nosso questionamento principal. Ainda assim, o alto número de resultados deu-se pelo uso comum da palavra “subjetividade” e/ou “negr\*” em diversas pesquisas. O motor de busca, em alguns momentos, não conseguiu refinar os dados, apresentando pesquisas muitas vezes repetidas e/ou desordenadas. A partir da anexação dos critérios de exclusão à busca, notamos uma queda drástica no número de trabalhos, principalmente ao limitar a área da Educação e as contribuições dos últimos 5 (cinco) anos.

## Resultados e Discussões

A partir das buscas e posterior seleção mais detalhada das teses e dissertações, selecionamos quatro trabalhos que dialogam com a proposta desta pesquisa, levando em conta os critérios estabelecidos pela seleção. As quatro pesquisas selecionadas foram analisadas a partir do problema de questão deste trabalho, apresentando a construção de tais pesquisas e suas aproximações.

**Quadro 3** - Panorama geral dos trabalhos escolhidos

Ano	Autor	Título do Trabalho	Nível	Instituições
2023	CUNHA, Lilian do Carmo de Oliveira	O lugar social de uma neguinha e a desobediência racial da mulher negra: sobre discursos, deslocamentos e escrevivências.	Doutorado	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
2020	RIBEIRO, Diego das Neves	O “poder” do rei T’challa e da jovem Kamala Khan: identidades e subjetividades das juventudes contemporâneas.	Mestrado	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
2022	FORMIGA, Giceli Carvalho Batista	O prisma de gênero e a produção das cores da diferença na educação infantil.	Doutorado	Universidade de Sergipe
2020	CARMO, Ildete Batista do	Identidade étnico-racial: infância, escola, família e subjetividade.	Mestrado	Universidade de Brasília

**Fonte:** Elaborado pelos autores

O texto de Cunha (2023) é uma reflexão pessoal e acadêmica que narra o processo de autodescoberta e reconhecimento da identidade negra da autora. Inspirada pelas escritas de mulheres negras, a autora revela que só compreendeu plenamente a dimensão do racismo em sua vida ao longo da trajetória acadêmica, especialmente durante o doutorado. A pesquisa utiliza o conceito de "escrevivências" de Conceição Evaristo, que considera a escrita de experiências vividas para analisar como as mulheres negras são sistematicamente colocadas em posições sociais de subserviência e como essas experiências pessoais se tornam atos políticos.

O objetivo central da pesquisa de Cunha (2023) é questionar os discursos que tentam definir e restringir a identidade das mulheres negras, enquanto busca destacar os caminhos pelos quais elas escrevem suas próprias histórias e ocupam espaços de resistência. O trabalho se estrutura a partir das escrevivências da autora, de sua mãe e de colegas da academia, com o intuito de ilustrar como essas experiências individuais se cruzam com lutas coletivas.

Segundo Cunha (2023), a subjetividade das pessoas negras é profundamente moldada por experiências de racismo, que atravessam suas trajetórias desde a infância e impactam suas identidades e autoimagem. Essas subjetividades se formam a partir de um processo de negação, inferiorização e objetificação, no qual o racismo estrutural cria um imaginário que define o "lugar" dos corpos negros na sociedade. A autora explica que "o racismo, que é estrutural, destina às mulheres negras lugares sociais de subalternização, negação, obediência, objetificação, baixa remuneração" (Cunha, 2023, p. 25).

Para além disso, ela discute que as vozes negras foram tradicionalmente invalidadas, salvo apenas para legitimar discursos alheios, afirmando: "Nossa voz é válida para ilustrar, para validar o discurso 'do outro', não para que sejamos nós os donos da escrita" (Cunha, 2023, p. 16).

O processo de descoberta da identidade negra é descrito pela autora como doloroso, mas essencial para a libertação subjetiva: "Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar a sua história e recriar-se em sua potencialidade" (Cunha, 2023, p. 24).

Além disso, Cunha sublinha a importância do letramento racial, necessário para romper com estereótipos e reescrever trajetórias: "Muitas de nós passamos pelas situações de racismo sem a consciência do ataque no momento em que esse foi realizado e, olhar a partir do letramento racial crítico permite ressignificar tal experiência" (2023, p. 27). Assim, a subjetividade negra se constrói em meio ao enfrentamento de limites impostos pelo racismo e na busca por uma ressignificação política e coletiva.

A pesquisa de Ribeiro (2020) parte da observação de que personagens como o Pantera Negra (T'Challa) e a Miss Marvel (Kamala Khan) desempenham um papel relevante ao expor o público a diferentes culturas e etnias, como africanos e muçulmanos. A presença de super-heróis de origens diversas na indústria dos quadrinhos, especialmente da Marvel Comics, cria uma oportunidade para que jovens tenham contato com realidades culturais distintas, promovendo uma reflexão sobre a diversidade cultural.

O autor destaca que esses personagens não apenas representam identidades minoritizadas, mas também colocam em pauta conflitos com valores dominantes, como a relação da jovem Miss Marvel com os princípios estadunidenses e a reafirmação da identidade africana por meio do Pantera Negra. Assim, essas histórias proporcionam não apenas entretenimento, mas transmitem também valores sociais e morais que podem enriquecer o processo educativo e conscientizar os jovens sobre inclusão e multiculturalismo.

Ribeiro (2020) aborda a importância de entender o conceito de identidade e como essas narrativas transmídiaicas – que se espalham por diferentes mídias – têm o potencial de moldar subjetividades. Para ele, essas narrativas podem "enriquecer o processo educacional, levando em consideração as práticas educacionais que ocorrem no exterior das instituições de ensino" (Ribeiro, 2020, p. 14). Assim como Cunha (2023), o autor observa uma relação direta entre a construção da identidade com a produção de subjetividade:

Através das grandes mídias, tentativas de inserção de algum tipo de elemento cultural com intuito de elevar a representatividade negra nos meios culturais, novas formas de subjetivação se instauram, reativamente, com a pretensão de contornar a forma com que tal representatividade se apresenta (Ribeiro, 2020, p. 60).

A pesquisa analisa o contexto histórico e social em que esses personagens e histórias emergiram, considerando as características do gênero dos super-heróis e a evolução da indústria dos quadrinhos e explorando como essa indústria influencia a produção de subjetividade e representação cultural.

Segundo Ribeiro (2020), as tentativas de aumentar a representatividade negra nas grandes mídias têm um impacto direto na construção de novas subjetividades. Ao introduzir elementos culturais relacionados à negritude em obras como filmes, séries e quadrinhos, o objetivo é ampliar a visibilidade e promover uma inclusão simbólica. No entanto, essas inserções muitas vezes não são neutras ou plenamente libertadoras; em resposta a como a representatividade é apresentada – frequentemente de forma estereotipada, limitada ou descontextualizada – emergem novas formas de subjetivação, ou seja, maneiras alternativas de entender e vivenciar a identidade negra.

No estudo, conduzido por Formiga (2020), a autora investiga como as questões de gênero, raça e classe se articulam no cotidiano da Educação Infantil, especialmente em uma escola pública em Aracaju. A pesquisa parte da compreensão de que gênero é uma construção histórica e cultural, funcionando como um dispositivo de poder que influencia a formação e reprodução das relações sociais desde os primeiros anos escolares. A autora destaca a resistência de setores conservadores a mudanças que busquem promover igualdade de gênero e romper com posturas sexistas.

Formiga (2020) aponta que a Educação Infantil é um espaço permeado por diferentes tecnologias sociais que moldam subjetividades por meio de práticas discursivas e não discursivas. O objetivo foi cartografar discursos que operam no cotidiano escolar para identificar processos de controle, exclusão e produção de subjetividades, mas também as formas de resistência que emergem nesses processos.

Com uma metodologia de inspiração cartográfica, a coleta de dados envolveu observação, registros em diários de campo e entrevistas. A autora enfatiza como a infância é uma construção moderna e histórica, sujeita a atualizações e rupturas ao longo do tempo. A presença predominante de crianças e professoras negras na Escola Arco-Íris revela como o racismo permeia as experiências educacionais. Formiga (2020) observa que essas questões são frequentemente tratadas como desvinculadas da educação formal e da infância.

Formiga (2020) conceitua subjetividade como um processo dinâmico, influenciado por diversos dispositivos de produção de sujeitos. Ela adota uma perspectiva foucaultiana, compreendendo a subjetividade como algo produzido nas relações de poder e saber, e não como uma essência fixa e preexistente. Para a autora, a subjetivação é o efeito de dispositivos como raça, gênero, infância e sexualidade, que moldam os modos de ser e agir dos sujeitos desde os primeiros

anos escolares. Esses dispositivos produzem formas específicas de ser, ao mesmo tempo em que condicionam a experiência subjetiva coletiva.

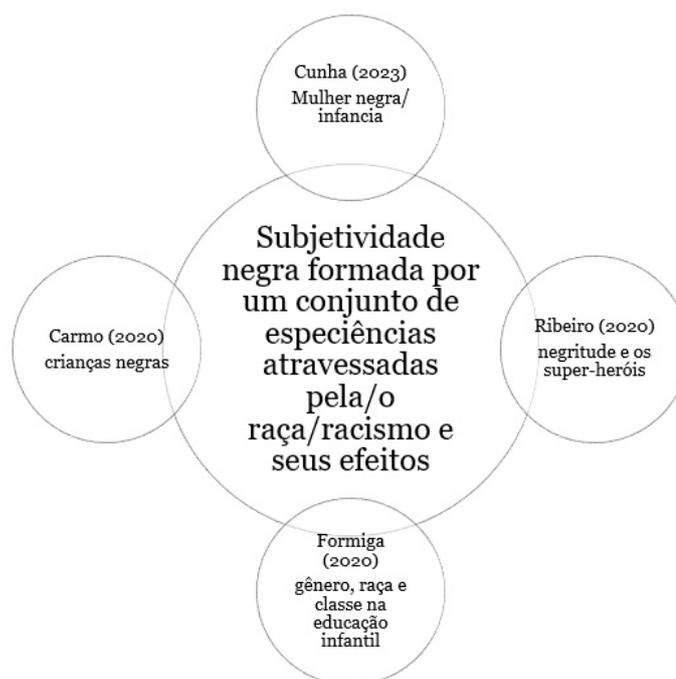
A pesquisa de Carmo (2020) se concentrou na articulação entre identidade étnico-racial, infância, escola, família e a Teoria da Subjetividade de González Rey (2017), que adota uma perspectiva cultural-histórica para compreender fenômenos sociais complexos e sua influência na psique. O estudo buscou explorar como o racismo, histórica e culturalmente constituído, impacta a subjetividade social brasileira e a identidade étnico-racial de uma criança negra.

O objetivo da autora foi entender as configurações subjetivas que moldam a identidade étnico-racial de uma criança de 8 anos, considerando sua trajetória de vida e suas interações nos contextos familiar e escolar. Para isso, foi realizado por Carmo (2020) um estudo de caso em uma escola pública do Distrito Federal, cujo processo investigativo contou com a participação de Arabela, uma estudante do 2º ano do ensino fundamental. A coleta de dados utilizou métodos que estimulavam a expressão subjetiva, como dinâmicas conversacionais, rodas de conversa, histórias seguidas de desenhos, jogos dramáticos e lives produzidas pela própria criança.

Os resultados mostraram que Arabela vivencia uma experiência ambivalente em relação à sua identidade: na família, há uma valorização positiva de sua identidade racial; já na escola, surgem experiências negativas ligadas à sua cor de pele e cabelo, gerando sentimentos de exclusão, silenciamento, choro e isolamento social, configurando um processo de sofrimento emocional silencioso (Carmo, 2020).

### **Subjetividade e Negritude nas pesquisas de Cunha (2023), Ribeiro (2020) Formiga (2020) e Carmo (2020)**

**Figura 2** - Ponto de articulação entre as pesquisas



**Fonte:** Elaborado pelos autores

A pesquisa de Cunha (2023) discute como a subjetividade das mulheres negras é permeada por experiências de racismo que se manifestam desde a infância. A autora argumenta que o racismo estrutural condiciona as identidades e a autoimagem, impondo lugares de subalternidade e objetificação. Essa perspectiva se alinha com Carmo (2020), que também explora como o racismo afeta a subjetividade de uma criança negra em contextos familiares e escolares.

A pesquisa de Carmo evidencia a dicotomia que Arabela enfrenta: enquanto sua família valoriza sua identidade racial; a escola, muitas vezes, perpetua experiências de exclusão, refletindo a luta interna que muitas crianças negras vivem. Essa dualidade revela como as interações sociais e os contextos moldam a subjetividade, resultando em experiências emocionais complexas.

Já a pesquisa realizada por Ribeiro (2020) oferece uma perspectiva alternativa, focando na representação da negritude na mídia, especialmente através de super-heróis. A pesquisa sugere que a inclusão de personagens como o Pantera Negra e Miss Marvel tem o potencial de enriquecer a compreensão de diversidade e identidade, desafiando narrativas dominantes.

No entanto, Ribeiro (2020) também destaca que essas representações não são isentas de estereótipos, o que pode gerar novas formas de subjetivação que não são necessariamente emancipadoras. Assim, enquanto Cunha (2023) e Carmo (2020) se concentram nas experiências vividas e na luta pela autodefinição, Ribeiro (2020) aponta para a influência das narrativas culturais midiáticas na construção da subjetividade, refletindo sobre como a representação pode ser uma ferramenta tanto de opressão quanto de resistência.

A pesquisa de Formiga (2020) aborda a interseção entre gênero, raça e classe na Educação Infantil, ressaltando como as práticas educativas moldam as subjetividades desde cedo. Formiga (2020) aplica uma perspectiva foucaultiana, analisando como os discursos e práticas dentro da escola influenciam a formação da identidade das crianças, especialmente as negras. Assim como Cunha (2023) e Carmo (2020), Formiga (2020) reconhece a importância da experiência subjetiva, mas amplia o foco para o contexto escolar e as práticas que podem tanto perpetuar quanto desafiar as dinâmicas de poder. A resistência a discursos conservadores e a luta por uma educação antirracista tornam-se centrais para a construção de subjetividades mais inclusivas.

As quatro pesquisas dialogam entre si ao enfatizar a construção da subjetividade a partir de experiências individuais e coletivas. Enquanto Cunha (2023) e Carmo (2020) analisam a vivência pessoal das mulheres e crianças negras em face do racismo, Ribeiro (2020) e Formiga (2020) abordam as narrativas culturais e o espaço escolar como arenas de formação subjetiva. Elas articulam o social como parte integrante da subjetividade.

A subjetividade das pessoas negras, conforme discutido nessas pesquisas, é um campo em constante transformação, moldado por experiências de racismo, pelas narrativas culturais e pelos contextos sociais. Cada autor, à sua maneira, contribui para uma reflexão mais ampla sobre a luta por identidade e reconhecimento, destacando que a escrita e a educação podem ser ferramentas poderosas na busca por autonomia e ressignificação da subjetividade.

## Considerações Finais

A presente revisão de literatura evidenciou que a escola exerce um papel central na construção da subjetividade de pessoas negras, sendo tanto um espaço de manutenção das desigualdades raciais quanto um local de resistência e possibilidade de construção de subjetividades. Os estudos analisados demonstram que é necessário repensar o currículo, as práticas pedagógicas e a presença de representações negras nos espaços educativos para criar mecanismos de sobrevivência de pessoas negras ao dispositivo de racialidade.

A partir do questionamento central: *o que dizem as pesquisas em educação sobre como a escola atua na construção a subjetividade de corpos negros?*, selecionamos as pesquisas de Cunha (2023), Ribeiro (2020), Formiga (2020) e Carmo (2020). Com a análise dos trabalhos, percebemos que a subjetividade negra é construída por múltiplas influências que se entrelaçam – desde a mídia, até o ambiente escolar e familiar. As pesquisas apontam que a escola é o ponto central de desenvolvimento da criança, é o local onde observa-se um conjunto de ações que guiam a produção de subjetividade, sendo um lugar tanto de conservação do racismo, como um espaço de subversão, através de micropolíticas de enfrentamento, como as práticas pedagógicas da pesquisa de Ribeiro (2020). Os resultados evidenciam que a escola deve estar comprometida com a justiça social e buscar não apenas combater o racismo estrutural, mas também criar condições para que crianças e jovens negros possam se reconhecer e se afirmar positivamente em suas identidades.

Esse processo de transformação exige o desenvolvimento de práticas sensíveis às questões étnico-raciais, capazes de acolher e potencializar experiências e saberes negros. Assim, a escola pode se tornar um lugar de ruptura com a marginalização histórica e de promoção da subjetividade negra como potência e resistência.

Em nosso levantamento, percebemos que há poucas pesquisas na área da educação que articulem negritude e subjetividade de alguma forma. A maioria dos resultados a partir das buscas não articulam negritude e subjetividade de forma direta, nem desenvolvem estudos na área da Educação ou que dialoguem com o espaço escolar. Para as próximas pesquisas, consideramos importante mapear essa relação tendo em vista produções menores, como periódicos, além da possibilidade de agregar para a discussão, considerando que essa pesquisa apresenta limitações enquanto uma revisão de literatura.

## Referências

CARMO, Ildete Batista do. **Identidade étnico-racial: infância, escola, família e subjetividade**. 2020. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Zahar: Rio de Janeiro, 2023

CUNHA, Lilian do Carmo de Oliveira. **O lugar social de uma neguinha e a desobediência racial da mulher negra**: sobre discursos, deslocamentos e escrevivências. 2023. 119 f. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

FORMIGA, Giceli Carvalho Batista. **O prisma de gênero e a produção das cores da diferença na educação infantil**. 2022. 164 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-7982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

RIBEIRO, Diego das Neves. **O “poder” do rei T’challa e da jovem Kamala Khan**: identidades e subjetividades das juventudes contemporâneas. 2020. 129 f.: il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2020.